

**A PRESENÇA  
MARANHENSE EM  
PALMAS-TOCANTINS:**  
identidade social, estigma  
e preconceito

THE MARANHENSE PRESENCE IN  
PALMAS, TOCANTINS:  
social identity, stigma and  
prejudice

LA PRESENCIA MARANHENSE EN  
PALMAS, TOCANTINS:  
la identidad social, el estigma y el  
prejuicio

**José Vandilo dos Santos<sup>1</sup>**

**Odisséia Aguiar Campos<sup>2, 3</sup>**

## RESUMO

Este artigo tem por objetivo apresentar o resultado de um estudo desenvolvido em Palmas, capital do estado do Tocantins, sobre a construção do estigma e preconceito presentes nas relações entre a população oriunda do Estado do Maranhão e os habitantes da nossa capital, no sentido de compreender a construção do estigma de "maranhense", atribuído geralmente às pessoas consideradas inferiores ou com alguma dificuldade no desempenho de suas atividades. Para tanto, são levados em consideração os conceitos de identidade no contexto da migração, tendo em vista

<sup>1</sup> Doutor em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Mestre em Sociologia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Bacharel em Antropologia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e Licenciado em Ciências Sociais também pela UFPB. Professor da UFT, campus Palmas. e-mail: [jvandilo@uft.edu.br](mailto:jvandilo@uft.edu.br).

<sup>2</sup> Graduanda em Arquitetura e Urbanismo-UFT. Bolsista de Iniciação Científica. E-mail: [seinha01@hotmail.com](mailto:seinha01@hotmail.com).

<sup>3</sup> Endereço de contato dos autores (por correio): Universidade Federal do Tocantins. Campus Palmas. Avenida NS 15, 109 - Plano Diretor Norte, Palmas - TO, Brasil. CEP: 77001-090.

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/ufv.2447-4266.2016v2n3p308>

que a cidade de Palmas conta com uma população que comporta pessoas das mais variadas regiões do país que para aqui se deslocaram em busca de melhores condições de vida. A metodologia utilizada contemplou primeiramente a revisão da literatura e, em seguida, uma pesquisa qualitativa através da aplicação de questionários abertos e entrevistas direcionadas aos maranhenses residentes em Palmas. Foram aplicados 37 questionários para ambos os sexos, sendo 19 para sexo feminino e 18 para o sexo masculino.

**PALAVRAS CHAVE:** Maranhenses; identidade; estigma; preconceito.

#### **ABSTRACT**

This article aims to present the results of a study conducted in Palmas, capital of Tocantins state, on the construction of stigma and prejudice present in the relations between the population coming from the Maranhão State and the inhabitants of our capital, in order to understand building the stigma of "Maranhã " generally attributed to people considered inferior or some difficulty in carrying out their activities. Therefore, they are taken into account the identity concepts in the context of migration, given that the city of Palmas has a population comprising people from various regions of the country that here went in search of better living conditions. The methodology used included the first literature review and then a qualitative research through the application of open questionnaires and interviews directed to residents maranhenses Palmas. They were applied 37 questionnaires to both sexes , and 19 for females and 18 for males.

**KEYWORDS:** Maranhenses; identity; stigma; preconception.

#### **RESUMEN**

Este artículo tiene como objetivo presentar los resultados de un estudio llevado a cabo en Palmas, capital del estado de Tocantins, en la construcción del estigma y los prejuicios presentes en las relaciones entre la población procedente del Estado de Maranhão y los habitantes de nuestra capital, con el fin de entender la construcción del estigma de "Marañón" generalmente atribuida a personas consideradas inferiores



ISSN nº 2447-4266

Vol. 2, nº 3, Maio-Agosto. 2016

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/ufv.2447-4266.2016v2n3p308>

o ciertas dificultades para llevar a cabo sus actividades. Por lo tanto, se tienen en cuenta los conceptos de identidad en el contexto de la migración, dado que la ciudad de Palmas tiene una población que comprende a personas de diferentes regiones del país que aquí fue en busca de mejores condiciones de vida. La metodología utilizada incluyó la primera revisión de la literatura y después de una investigación cualitativa mediante la aplicación de cuestionarios y entrevistas abiertas dirigida a los residentes Maranhenses Palmas. Se aplicaron 37 cuestionarios a los dos sexos, y 19 para las mujeres y 18 para los varones.

**PALABRAS CLAVE:** Maranhenses; la identidad; el estigma; perjuicio.

Recebido em: 30.06.2016. Aceito em: 20.08.2016. Publicado em: 31.08.2016.

A cidade de Palmas foi planejada e construída para ser a capital do mais novo Estado da federação brasileira - o Estado do Tocantins; uma proposta evidente de trazer a modernidade para a região do cerrado na qual está inserida. Esta cidade é composta por uma população advinda de todas as regiões do país e, como era de se esperar, muitas dessas pessoas vieram dos estados mais próximos, principalmente da região denominada sul do Maranhão, além dos estados do Pará, Piauí, Goiás e Bahia. Entretanto, nas nossas observações, nenhum dos migrantes desses estados sofre o mesmo preconceito como os maranhenses. Nossa intenção com esta pesquisa foi compreender os motivos que levam a tal situação de discriminação, ou seja, analisar o processo de sociabilidade entre os moradores da capital e especificamente os migrantes do Estado do Maranhão.

Muitas vezes também chamados de caboclos, os maranhenses podem ser identificados como mestiços, um tanto índios, um tanto negros, assim como define Darcy Ribeiro<sup>4</sup>, ou seja, o sujeito que não é apenas definido pela sua biologia, sem uma identidade específica, um homem simples, muitas vezes considerado grotesco, tímido ou arreado, com pouca ou nenhuma qualificação profissional, espontâneo e de gestos lentos que são geralmente confundidos com a preguiça e a falta de objetividade e racionalidade europeia, atributos muito comuns também à população indígena.

A identidade social, por sua vez, é um conceito que precisa ser entendido a partir da dinâmica social, ou seja, das relações sociais e práticas relacionais

---

<sup>4</sup> RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. São Paulo: companhia das letras, 2006.

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/ufv.2447-4266.2016v2n3p308>

contrastantes, levando em consideração as diferenças<sup>5</sup>, por isso que este conceito nos é fundamental neste estudo já que estamos tratando de um contexto no qual a presença de pessoas de diferentes realidades convivendo em um mesmo espaço, a cidade de Palmas, como um palco propício ao estudo do desenvolvimento de atitudes comportamentais estigmatizantes e preconcebidas.

A dificuldade que temos em nos relacionarmos com pessoas diferentes, “outras pessoas”, nos leva a criar estereótipos e preconceções que estão relacionadas diretamente com a construção de uma identidade social, é neste sentido que também recorremos ao conceito de estigma estudado por Erving Goffman (1988). Para este autor, o estigma é uma marca, um rótulo, muitas vezes corporais ou não, mas, que certamente, diz respeito “a situação do indivíduo que está inabilitado para a aceitação social plena”. O preconceito é assim colocado como consequência do estigma. “O termo estigma, portanto, será usado em referência a um atributo profundamente depreciativo, mas que é preciso, na realidade, é uma linguagem de relações e não de atributos. Um atributo que estigmatiza alguém pode confirmar a normalidade de outrem, portanto, ele não é, em si mesmo, nem honroso, nem desonroso” (1988, p. 13). Portanto, a situação de indivíduo estigmatizado depende da compreensão do contexto social, cultural, histórico, político e econômico no qual está inserido.

A convivência cotidiana em Palmas, na condição de morador e profissional na área da educação, lidando diretamente com o público em geral, nos faz acirrar a percepção de situações curiosas em relação à população maranhense. O ambiente de relações sociais na cidade, de um modo geral, favorece aos estudos na área de identidade, estigma, diversidade e conseqüentemente construção de preconceitos.

---

<sup>5</sup> SCHWARCZ, M. Lilia e QUEIROZ, Ramos S. (orgs.), **Raça e diversidade**. São Paulo: Ed. USP, 1996. e WOODWARD, Kathryn. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org). **Identidade e diferença – a perspectiva dos estudos culturais**. 6. ed. Petrópolis-RJ : Vozes, 2000.

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2016v2n3p308>

Tendo em vista essas razões, decidimos fazer um projeto de pesquisa sobre o assunto. A intenção era investigar de maneira mais detalhada como essa situação é percebida pelos próprios migrantes do Estado do Maranhão, assim como pelos habitantes de Palmas vindos de outras regiões do país e, a partir daí, pensarmos até que ponto o preconceito é assimilado, assumido e, até mesmo, reproduzido pelos próprios maranhenses. A princípio, o que nos chamou atenção foi a recorrência de tal situação, nos mais diversos lugares ou aglomerações de pessoas, tais como: salas de aula, paradas de ônibus, salas de espera de consultórios, lojas, supermercados, bares, restaurantes, etc. O que parecia ser apenas casos isolados, com a constatação da recorrência de tais atitudes, passa a ser observado não mais como algo simples, isolado ou espontâneo.

Portanto, assim como em São Paulo se atribui o estigma de *"baiano"* as pessoas nordestinas de um modo geral, no Rio de Janeiro o mesmo acontece, embora com a denominação diferenciada, ou seja, *"paraíba"*, percebemos que esse mesmo tipo de estigma está sendo reproduzido aqui com relação aos maranhenses, não exatamente por se tratar de pessoas oriundas da região Nordeste ou, mais especificamente, do estado do Maranhão, trata-se de um estereótipo atribuído a qualquer pessoa considerada inferior que logo passa a ser rotulada de forma pejorativa como *"maranhense"*. Comentário geralmente enfatizado com a frase que traduz muito bem essa situação: *"Parece que é maranhense!"*

Para colaborar na coleta e análise de dados da pesquisa, foram convidadas três alunas do curso de Arquitetura e Urbanismo, Odisséia Aguiar Campos, Mariana Marques e Mayara Lange, estudantes da disciplina Sociologia urbana ministrada por mim na Universidade Federal do Tocantins-UFT. Permanecendo até o final da

pesquisa apenas Odisséia, tendo em vista ter sido a única classificada na seleção para o PIVIC<sup>6</sup>, programa ao qual o projeto está vinculado.

Foram aplicados questionários abertos aos moradores da capital, com o intuito de atingir uma amostra significativa que pudesse contribuir para atingirmos o objetivo da pesquisa e, a partir desses dados, buscamos realizar não apenas quantitativa, mas acima de tudo qualitativa, tendo em vista a natureza subjetiva da problemática que envolve a questão pesquisada. Portanto, a opção por uma análise qualitativa se deu pela possibilidade de se interpretar os discursos de maneira mais abrangente, não se restringindo apenas a quantidade de respostas sugeridas pelos questionários. Assim, foram preenchidos 37 questionários, sendo 19 para o sexo feminino e, 18 para os homens, com idades variando entre 15 a 70 anos. Entre outras variáveis estão: escolaridade, estado civil, renda, religião, lugar de origem, tempo e área em que residem em Palmas.

No que se refere à vinda para Palmas, a maioria dos entrevistados indicou a busca por um trabalho como o principal motivo da migração. Fato já esperado, tendo em vista se tratar de uma população de baixa renda que em grande parte vem do sul do Maranhão, região mais pobre do estado. Em entrevista a revista Sociologia (2014, p. 66), o sociólogo e professor maranhense Alderico José Santos Almeida afirma que podemos entender o estado do Maranhão por suas "*duas faces, a primeira moderna, na qual se inserem "os grandes projetos", que prometem ótimos resultados para a economia do Estado, e a segunda, a do "atraso", da extrema pobreza da sua população...*" E continua afirmando que o Maranhão é um estado extremamente desigual, com péssima distribuição de renda, de acordo com o IBGE, mas que ao mesmo tempo pode ser considerado "*um estado rico com o povo pobre*". A notória desigualdade em nosso país não é exclusividade do estado do Maranhão, lá, como em outros estados da federação, a injustiça social é visível, enquanto os privilégios

---

<sup>6</sup> Programa Institucional Voluntário de Iniciação Científica

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/ufv.2447-4266.2016v2n3p308>

das oligarquias locais são gritantes. A família Sarney que exerce o poder há muitas décadas é que predomina na região e detém o maior acúmulo e riqueza e poder, enquanto a população vai se virando ou seja, buscando estratégias de sobrevivência dentro do estado ou sendo obrigada a migrar para outras regiões do país. O Tocantins pela proximidade com o Maranhão, já que faz fronteira com esse estado, e, na qualidade do mais novo estado brasileiro, despertou a vontade de buscar novos postos de trabalho para os maranhenses advindos principalmente da região sul do Maranhão, que corresponde à cidade de Imperatriz e seus arredores. A maioria dessas pessoas ao chegarem à Palmas ocupam postos de trabalho como atendentes em lojas, empregadas domésticas, porteiros, na construção civil, serviços gerais, mas também encontramos professores universitários, empresários, pastores e políticos entre outras profissões.

Interrogados sobre a existência do preconceito em Palmas por parte dos maranhenses, dos 37 pesquisados, 26 responderam afirmativamente, enquanto apenas 11 disseram que não. Confirmando assim a nossa hipótese. E, nesse sentido, podemos perceber que o preconceito aponta para o "*preconceito contra a origem geográfica e de lugar*", que remete ao estudo realizado por Durval Muniz Albuquerque Jr. (2007, p. 11), quando o mesmo afirma que:

O preconceito quanto à origem geográfica é justamente aquele que marca alguém pelo simples fato de pertencer ou advir de um território, de um espaço, de um lugar, de uma vila, de uma cidade, de uma província, de um estado, de uma região, de uma nação, de um país, de um continente considerado por outro ou outra, quase sempre mais poderoso ou poderosa, como sendo inferior, rústico, bárbaro, selvagem, atrasado, subdesenvolvido, menor, menos civilizado, inóspito, habitado por um povo cruel, feio, ignorante, racialmente ou culturalmente inferior. Estes preconceitos quase sempre estão ligados e representam desníveis e disputas de poder e nascem de diferenças e competições no campo econômico, no campo político, no campo cultural, no campo militar, no campo religioso e nos campos dos costumes e das ideias.



DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2016v2n3p308>

É exatamente esta a situação encontrada nas relações entre maranhenses e a população de Palmas em geral, e não parece ser apenas a proximidade entre os Estados, que produz tal situação, já que dos demais estados que foram as fronteiras do Tocantins (Pará, Piauí, Bahia, Goiás e Mato Grosso), também vieram pessoas em busca de empregos e de uma qualidade de vida. É possível que um fator marcante que pode explicar tal situação, seja a falta de qualificação profissional associada a uma situação de ausência/carência de bens materiais da maioria população maranhense que busca o Tocantins como nova morada.

Entre os entrevistados houve quem afirmasse que a existência do preconceito acontece por *falta de autoconfiança dos palmenses* que ainda buscam a sua identidade, fato que tem procedência à medida que entendemos que uma identidade se baseia no contraste e nas diferenças, sem esses elementos não se consolida uma identidade. O povo maranhense, neste caso, serve como o contraponto que marca a diferença entre o ser e não ser palmense.

Entre as situações e frase citadas nos depoimentos encontramos vários adjetivos atribuídos considerados pejorativos em forma "piadinhas" sobre as pessoas vindas do Maranhão que vão desde "*pé rachado*" até "*macumbeiro*", "*preto*" e "*sangue ruim*". Neste caso, é interessante assinalar que macumbeiro e preto não deveriam se entendidos exatamente de algo ofensivo, tendo em vista que, em sua essência, são conceitos que assinalam identidades de matriz africanas, mas com o menosprezo como são colocados, passa como consequência da discriminação racial sofrida por esses povos, por conta da cor da pele escura e, em relação às religiões afro-brasileiras, daí passarem a ser usadas de forma agressiva, percebidas e elencadas como ofensa.

Podemos citar alguns depoimentos que demonstram a situação apresentada à cima:

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/ufv.2447-4266.2016v2n3p308>

“Todo mundo tira onda com os maranhenses, dizem que quem é de lá é de outro país”.

“Nos chamam pelo estado e não pelo nome da pessoa”.

“Falam que são pobres e que a maioria é de negro”.

“Dizem que maranhense não é gente”.

Outras falas se referem ao modo de falar e agir, e podem ser também interpretadas como uma referência à questão da lentidão, preguiça e morosidade identificadas e justificadas quase sempre nas dificuldades ou falta de traquejo com as novas tecnologias e modos de se comportar considerados como não sendo modernos, ou simplesmente na falta de atenção no desempenho de suas funções no trabalho. É comum encontrarmos comentários de pessoas, geralmente originárias do sul do país que falam que *“a lentidão desse povo me estressa”*, enquanto outras vezes acontece o contrário, quando alguém do norte demonstra insatisfação sobre essas cobranças, afirmando que também ficam estressadas com as exigências e a suposta *“dinâmica”* de pessoas do sul. Nesse caso, fica evidente que essa diferença na postura é colocada de forma mais genérica entre sulistas e nortistas, incluindo as pessoas oriundas das regiões nordeste e sudeste respectivamente. Fato que é constantemente reforçado pela mídia de um modo em geral, especialmente a televisão que trata determinadas situações como grotescas, sejam sobre o sotaque, a culinária ou o comportamento mais espontâneo, entre outros aspectos. O livro *O Império do Grotesco*<sup>7</sup> (2002), aborda essa questão de forma didática citando muitos exemplos no tocante a exibição na mídia de pessoas e situações que chamam atenção do telespectador com um suspense como se aquilo fosse algo completamente extraordinário ou como grandes aberrações usadas para aumentar a audiência dos programas de auditório exemplificando como sendo os mais conhecidos “Chacrinha” no passado e o mais recente “Ratinho”, no entanto podemos

---

<sup>7</sup>MUNIZ Sodré; PAIVA, Raquel. **O império do grotesco**. Rio de Janeiro: MAUAD, 2002.

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/ufv.2447-4266.2016v2n3p308>

encontrar em outras programações consideradas mais sofisticadas nos quais essas situações aparecem do mesmo modo, como é o caso de determinadas reportagens em telejornais, novelas, documentários e programas humorísticos, como o “Pânico” que surgiu como sendo uma “nova” proposta de fazer humor ao expor pessoas comuns e celebridades em situações vexatórias e constrangedoras. Na verdade todos apelam para algo que possa ser considerado ridículo ou desviante da ordem dominante nos costumes ou nos valores sociais. Atualmente é muito comum encontrarmos nas redes sociais, principalmente no *Facebook* diversos *posts* e compartilhamentos de vídeos e frases de efeito que seguem essa mesma linha visando ridicularizar determinados grupos sociais.

O etnocentrismo é analisado pela Antropologia como a uma postura que faz alusão as visões de inferioridade e superioridade entre as culturas e grupos sociais diferentes. Esse olhar que os europeus, como colonizadores, lançaram e continuam lançando sobre os povos africanos e ameríndios até a reprodução dessa visão pelas classes dominantes dentro de um país. No Brasil, as elites e as velhas oligarquias criam valores que atingem toda a sociedade e especialmente as camadas populares, criando classificações que visam definir quem é chique, moderno e superior e quem é brega, cafuna e inferior.

Portanto, criam-se estratégias normalmente utilizadas por pessoas vitimas do preconceito, nos moldes como analisa Erving Goffman<sup>8</sup> (1988), quando afirma que é comum ao estigmatizado buscar meios para disfarçar o seu estigma. Por sua vez, José de Sousa Martins<sup>9</sup> (2008), se refere à busca pelos signos da modernidade por parte das populações consideradas como “simples”, na tentativa de ser moderno ou

---

<sup>8</sup> GOFFMAN, Erving. **Estigma – notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. 4. ed. Rio de Janeiro : Ed. Guanabara, 1988.

<sup>9</sup> MARTINS, José de Souza. **A sociabilidade do homem simples – Cotidiano e História na modernidade anômala**. São Paulo : Contexto, 2008.

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/ufv.2447-4266.2016v2n3p308>

parecer moderno, nesse caso, foge-se dos estereótipos e deixa-se de ser autêntico, negando origens, recorrendo ao uso de marcas famosas, buscando a sociabilidade forjada nos ambientes sofisticados dos shoppings centers e, por fim, entrando na cultura do consumo e da superficialidade que a simples posse da mercadoria permite ostentar. Vale a pena reproduzir uma passagem que esse autor narra por ocasião de uma de suas viagens pelo norte do país e que nos serve como ilustração da relação consumo e consumidor e mercantilização dos costumes:

“Não é raro encontrar evidências da necessidade cultural de distinguir o que é novo, o que é usado e o que é reutilizado. Numa viagem que fiz entre Marabá, no Pará, e Imperatriz, no Maranhão, na Amazônia, o ônibus ia parando a cada instante para receber e desembarcar passageiros, como é próprio das regiões sertanejas. Na longa viagem tive por companheiro um sujeito relativamente jovem que usava dia e noite óculos de sol, tipo ray-ban, como aquele que marcaram a imagem do General MacArthur. Com espanto, vi que uma das lentes ainda tinha o selo dourado da marca do fabricante. O calor era grande e a poeira era muita. A cada intervalo de tempo, o passageiro retirava cuidadosamente os óculos e com um lenço, já sujo pelo suor e pela poeira, “limpava” cuidadosamente as lentes de maneira a não remover o selo”.

Nos finais de semana e, principalmente aos sábados, no Shopping Capim Dourado, o maior da capital, é comum encontramos jovens que passeiam acompanhados de amigos e familiares entre as lojas, os cinemas e a praça de alimentação para comprar ou simplesmente para passear, paquerar e desfilarem com as suas últimas aquisições. Neste shopping temos um supermercado – O Mateus – que pertence a uma rede de supermercados do estado do Maranhão, com a matriz na capital São Luís, quando da sua instalação no shopping, vieram muitos maranhenses para o treinamento dos funcionários e muitos deles passaram para o quadro de empregados permanentes. Em entrevista ao assistente de Recursos Humanos - RH Frederico Vieira, um dos responsáveis pela contratação dos funcionários, perguntamos se havia algum critério para contratação de maranhenses para o

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2016v2n3p308>

quadro de funcionários, tendo em vista a maioria ou pelo menos uma grande quantidade de trabalhadores que se identifica como maranhenses. A resposta foi de que não existe nenhum critério formal para contratação de maranhenses como funcionários, mas que eles são mais obedientes e dedicados ao trabalho, deixando subentendido que este seja um critério importante no momento da escolha por um empregado.

Os maranhenses não são os únicos a passarem por esse processo na capital do Tocantins. Assim como estes, os ribeirinhos, moradores do antigo povoado Canela que, analisei em minha tese de doutorado defendida em 2011<sup>10</sup>, a questão da discriminação e a tentativa de entrada na modernidade aconteceu da mesma forma, ou seja, com a criação da capital essa população passou a sofrer os impactos da construção do lago da Usina Hidrelétrica de Lajeado e tenta sobreviver no novo território urbano destinado para ser o seu novo lugar de moradia próximo ao centro da cidade. Dessa forma, o projeto de modernidade em Palmas, entre atropelos, avanços e retrocessos, vai se desenhando.

Na tentativa de amenizar o preconceito muitos entrevistados consideram as demonstrações explícitas de preconceito como brincadeiras, piadinhas, chacotas sem importância. A maioria diz que não revida, nem busca meios legais para combatê-lo, mas é unânime em afirmar que se esforça para mostrar o contrário do que falam. É interessante observar que o ataque muitas vezes tem um efeito positivo para essas pessoas atuando como uma maneira de despertar a autoestima à medida que reagem resgatando aspectos positivos em sua cultura e comportamento. Vejamos algumas das falas que apontam nesta direção:

“Procuro mostrar que estão enganados”.

“Tento mostrar que sou bom no que faço”.

---

<sup>10</sup> SANTOS, José Vandilo dos. **Memória e a dimensão política da identidade na comunidade Canela – Estado do Tocantins (2008-2011)**. Rio de Janeiro: IFCS-UFRJ, 2011.

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2016v2n3p308>

“Quem discrimina é por que não conhece as cidades do Maranhão”.  
“Finjo que não estou ouvindo”.

É muito difícil combater algo consolidado como verdade. Os estereótipos vão se cristalizando na cultura de um determinado povo, tanto na visão do agressor como do agredido, mas é possível que essas pessoas ao mostrarem o lado bom e/ou positivo do seu estado de origem, tenham encontrado uma maneira de encarar com leveza algo que lhes é tão desagradável. Antes de ser entendido como resignação, *“fingir que não está ouvindo”*, pode significar uma maneira inteligente de resistência e combate, ou simplesmente uma alternativa para uma convivência mais tranquila e harmônica, sem o peso de uma vitimização que seria mais desgastante.

### **Considerações finais**

O multiculturalismo nos serviu como parâmetro importante para pensarmos essa questão por nos propor o respeito à diferença, a convivência com a diversidade e a tolerância nas relações entre os desiguais. Mas sabemos que esta não é uma situação simples e, sim, complexa e diversificada. Apontar o outro como diferente e inferior pode indicar elementos de um jogo de negociação de sentidos na construção de identidades que se torna visível, por um lado, na luta pela autoafirmação por parte dos ideais que justificam a fundação do novo estado do Tocantins, tendo como centro irradiador e de ressonância, a capital – Palmas, que, por outro lado, concentra cada vez mais, a luta pela sobrevivência por parte das camadas populares oriundas de outros estados e de pequenas cidades do interior que nessas relações de poder, tentam manter seus paradigmas culturais e valores. Trata-se, na verdade, de um processo de afirmação, rejeição e repressão, que acreditamos envolver relações de mercado, mídia e um forte processo de preconceito racial embutido.



ISSN nº 2447-4266

Vol. 2, nº 3, Maio-Agosto. 2016

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/ufv.2447-4266.2016v2n3p308>

## Referências

ADAMS, Cristina; MURRIETA, Rui; NEVES, Walter. (Orgs.) **Sociedades caboclas amazônicas – Modernidade e invisibilidade**. São Paulo : Annablume, 2006.

ALBUQUERQUE JR. Durval Muniz de. **Preconceito contra a origem geográfica e de lugar – As fronteiras da discórdia**. São Paulo: Cortez, 2007.

ALMEIDA, Alberto Carlos. **A cabeça do brasileiro**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Record, 2007.

BARROS, Otávio. **Tocantins, Conhecendo e Fazendo História**, SECOM, Palmas, 1998.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro : Zahar, 2005.

BDALA JÚNIOR, Benjamin (org.) **Margens da cultura: mestiçagem, hibridismo e outras misturas**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004.

CANCLINE, Nestor Garcia. **Culturas híbridas. Estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: Edusp, 1997.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. 2. ed. São Paulo : Paz e Terra, 2000.

ELIAS, Nibert. **Os estabelecidos e os Outsiders**. Rio de Janeiro : Jorge Zahar Ed., 2000.

GOFFMAN, Erving. **Estigma – notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. 4. ed. Rio de Janeiro : Ed. Guanabara, 1988.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 3. ed. Rio de Janeiro : DP&A, 1999.

\_\_\_\_\_. **Da Diáspora – Identidades e Mediações Culturais**. Belo Horizonte : Ed. UFMG, 2006.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização – Do “fim dos territórios” à Multiterritorialidade**. Rio de Janeiro : Bertrand Brasil, 2004.

MACHADO, Cristina Gomes. **Multiculturalismo, muito além da riqueza e da diferença**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. (o que você precisa saber sobre...)

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2016v2n3p308>

MARTINS, José de Souza. **A sociabilidade do homem simples – Cotidiano e História na modernidade anômala.** São Paulo : Contexto, 2008.

**REVISTA SOCIOLOGIA**, São Paulo: Ed. Escala, n. 51, março/abril/2014. ISSN 1980-8747.

SCHWARCZ, M. Lília e QUEIROZ, Ramos S. (orgs.), **Raça e diversidade.** São Paulo: Ed. USP, 1996.

SODRÉ, Muniz. **Claros e escuros.** Petrópolis : Vozes, 1999.

\_\_\_\_\_; PAIVA, Raquel. **O império do grotesco.** Rio de Janeiro: MAUAD, 2002.

SOUZA, Octávio. **Fantasia de Brasil – As identificações na busca da identidade nacional.** São Paulo : Editora Escuta, 1994.

WOODWARD, Kathryn. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org). **Identidade e diferença – a perspectiva dos estudos culturais.** 6. ed. Petrópolis-RJ : Vozes, 2000.